

ARTIGO

## Onças, preguiças e grilos: o comportamento animal nas obras de Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux

### *Jaguars, sloths and crickets: the animal behavior in the works of Claude d'Abbeville and Yves d'Évreux*

Rebeca Capozzi | Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

[rebecapozzi@gmail.com](mailto:rebecapozzi@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4108-500X>

**RESUMO** O artigo pretende demonstrar o papel e os usos do comportamento animal nas relações de missão feitas pelos missionários franceses Claude d'Abbeville (15? -1632) e Yves d'Évreux (1570-1632), que atuaram na conversão dos indígenas tupinambá ao longo da experiência colonial intitulada França Equinocial, no Maranhão, entre 1612 e 1615. A análise reflete sobre a conexão entre as categorias de animal selvagem e animal doméstico, considerando suas associações com as ideias de monstrosidade do início da Época Moderna. Um dos aspectos importantes do artigo é o exame das aproximações e distanciamentos feitos pelos missionários aqui estudados entre animais e humanos.

**Palavras-chave** comportamento animal – natureza – França Equinocial.

**ABSTRACT** *This article intends to demonstrate the role and the uses of animal behavior described in the mission relationship made by the French missionaries Claude d'Abbeville (15? -1632) and Yves d'Évreux (1577-1632), who worked on the conversion of the Tupinambás indigenous population throughout the colonial experience entitled Equinoctial France, in Maranhão between 1612 and 1615. The analysis reflects on the connection between the categories of wild and domestic animals, considering their association with the ideas of monstrosity in the Modern Era. One of the important aspects of the article, regarding the use of animal behavior, is its discussion about the approximations and distances created by these French missionaries between animals and humans.*

**Keywords** *animal behavior – nature – Equinoctial France.*

## Introdução

Apesar de figurar como um aspecto importante na classificação e no conhecimento sobre os animais e seus habitats, o comportamento, enquanto categoria de análise, não se caracterizou como objeto de investigação à primeira vista para boa parte dos historiadores(as) e estudiosos(as), que refletiram sobre as descrições das qualidades animais, especialmente nos primeiros séculos de ocupação do Novo Mundo.<sup>1</sup> Nesse momento, pensadores e filósofos antigos – como Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Sêneca (4 a.C.-65), dentre outros –, que tinham sido assimilados pela doutrina escolástica através de teólogos como Alberto Magno (1193-1280) e posteriormente São Tomás de Aquino (1225-1274), tiveram grande impacto na produção filosófica e teológica e na formação de missionários, cronistas e homens da ciência no Renascimento. Juntamente dos autores acima citados, a *História natural*, de Plínio (23-79), que reuniu conhecimentos já estabilizados sobre a natureza, funcionou como uma enciclopédia bastante referenciada e consultada por letrados do século XVI.

Autores escolásticos, cujas obras fizeram “renascer” produções clássicas e antigas, especialmente de cunho aristotélico, reproduziam, em seu discurso eclesial sobre a doutrinação e o conhecimento da Criação, a ideia de que existiam elementos essenciais para a explicação das causas e mesmo para a classificação das populações humanas e animais das zonas geográficas espalhadas pela Terra. No caso dos animais – foco de análise deste artigo –, esses elementos eram, por exemplo, as funções, o modo de vida, o formato e a reprodução animal. De certa forma, o comportamento poderia refletir as funções, o modo de vida e, algumas vezes, explicar o formato de determinado animal. Esse é o caso do bicho-preguiça, cujo próprio nome anunciava seus hábitos lentos e morosos, como expressou Claude d’Abbeville: “ele vai tão devagar que nós o chamamos de bicho preguiça”<sup>2</sup> (d’Abbeville, 1614, p. 252). Esse animal e muitas outras sortes de bichos foram encontrados e descritos por diversos cronistas, missionários, colonizadores e viajantes que escreveram sobre o Brasil e outras regiões. A circulação dessas informações pode ter conectado cada vez mais a anatomia de alguns animais com seus comportamentos.

Junto com elementos para o estudo da vida animal, as experiências e o testemunho,<sup>3</sup> particularmente, ganharam força, como forma de autoridade do conhecimento ao longo da atividade ultramarina e das viagens de colonização e exploração das terras ao sul do Equador e a oeste do Atlântico, que passaram a acontecer com maior frequência a partir de 1500 (Findlen 1994; Davies, 2016; Smith, 2006). Nem sempre esses investigadores da natureza concordavam com os postulados de filósofos e autores referenciais. Às vezes, os citavam justamente para contrariá-los a partir das suas próprias experiências. Por exemplo, quando d’Abbeville escreveu, com base em seu conhecimento cosmográfico e da viagem que fez ao Maranhão, sobre o movimento do mar, no capítulo VII de sua relação de missão, disse:

- 1 Alguns dos pesquisadores(as) dedicados à investigação dos animais no período do início da época moderna são Keith Thomas (2010 [1983]), Erica Fudge (2002, 2012) e Éric Baratay (2012). Para uma leitura sobre a história da historiografia sobre os animais, ver: Duarte (2019).
- 2 Empregarei os nomes utilizados pelos próprios capuchinhos sem atualizá-los ou referenciá-los a partir de seus nomes científicos para não incorrer em possíveis anacronismos.
- 3 É muito provável que, tanto os religiosos aqui analisados, quanto outros cronistas e viajantes que estiveram no Brasil e em outras terras do Novo Mundo não tenham vivido e experienciado tudo o que descreviam. Muitas vezes essa era uma forma de “aumentar” o conteúdo de suas narrativas através e defender suas afirmações com a autoridade da experiência, que tinha ganhado *status* de reconhecimento entre os letrados e homens de ciência no século XVI. Ver: Findlen (1994).

Este grande elemento que se cobre de suas ondas, como de um bom e rico se levantar, cobre a maior parte da Terra, estendendo-se de norte a sul, está em movimento tal e tão admirável que confunde os mais raros espíritos do mundo da indagação de suas causas. Quem até hoje pode compreender as molas e seus fluxos e refluxos? Têm como certo alguns haver Aristóteles se precipitado no Enripe, desejando que esse o compreendesse, visto ele não compreender os princípios e razões dos seus movimentos (d'Abbeville, 1614, p. 47).<sup>4</sup>

As experiências, desse modo, reforçavam o valor das constatações pessoais e *in loco* na produção do conhecimento natural sobre os habitantes e sobre a natureza dessas terras (Findlen, 1994; Daston, Park, 1998).

Neste artigo, tenho por objetivo discutir o papel e os usos do comportamento e do temperamento animal nas descrições de animais feitas pelos missionários franceses Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux, em suas respectivas obras *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines* (1614) e *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614* (1864 [1615]).<sup>5</sup> O uso do comportamento animal para a compreensão da natureza material e simbólica do Brasil e de outras terras do Novo Mundo não era exclusividade dos capuchinhos aqui estudados. Muitos outros cronistas e viajantes que estiveram nas Américas enalteciam o comportamento e o hábito de alguns animais para interpretar a terra à qual eles pertenciam. Esse é o caso de autores como Gabriel Soares de Souza (1540-1591), Hans Staden (1525-1576), André Thevet (1502-1590), Jean de Léry (1536-1613), Pero de Magalhães Gândavo (1540-1579), entre outros. Com isso, o estudo de caso feito nesta pesquisa indica a relação das descrições dos animais da então colônia com a defesa de sua existência – como uma terra fértil com muitos animais, até mesmo melhores que os existentes na França<sup>6</sup> – o que pode ter relação com a própria doutrina franciscana compartilhada pelos missionários que escreveram as obras aqui analisadas.

## Os missionários e a França Equinocial

Os religiosos d'Abbeville e d'Évreux foram dois dos quatro capuchinhos que estiveram no Maranhão atuando como missionários<sup>7</sup> na conversão dos tupinambá ao longo da existência da França Equinocial. Claude d'Abbeville permaneceu quatro meses no Maranhão trabalhando como missionário. Ao longo desses meses, atuou na conversão de nativos tupinambá e acumulou experiências que, posteriormente, foram a base de sua relação, publicada em 1614 em Paris (Mariz,

4 As citações das fontes capuchinhas feitas ao longo do artigo foram por mim traduzidas ao português.

5 A obra escrita por Yves d'Évreux só recebeu uma versão impressa séculos depois de sua feitura, em 1864. Ferdinand Denis foi o responsável pelo reavivamento dessa obra e de sua circulação por entre os eruditos de seu tempo, seja na França, no Brasil, ou em outros locais. Veja mais em: Mariz, Provençal (2007) e Daher (2007).

6 Claude d'Abbeville fez um comentário ao longo de sua relação dizendo que seria possível o melhoramento dos animais da França caso eles fossem enviados e aclimatados no Maranhão. Apesar desse comentário muito interessante, o religioso não desenvolveu o assunto em nenhum outro momento de sua obra. Acredito que sua hipótese sobre o melhoramento tenha relação com aspectos cosmográficos relativos ao território do Maranhão, o que, segundo ele, seria o motivo da produção de uma terra fértil e muito temperada, com sortes muito diversas de animais e plantas.

7 Além de Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux, também foram enviados ao Maranhão, com os primeiros missionários franceses dessa empresa colonial, os frades Ambroise d'Amiens, que acabou falecendo em território maranhense, e Arsène de Paris.

Provençal, 2007; Daher, 2007). Sua obra ganhou algumas outras edições nos anos seguintes à sua publicação, o que indica que possivelmente foi lida por outros cronistas, missionários e filósofos naturais desse período. Ela foi dividida em 62 capítulos, os quais seguem a cronologia da sua viagem. Yves d'Évreux, diferentemente, permaneceu durante dois anos atuando na missão estabelecida na França Equinocial. Sua relação da missão e viagem capuchinha foi uma continuação daquela escrita por seu irmão de Ordem e é mais extensa, por conta do tempo que atuou convertendo e conhecendo a natureza do Maranhão. Seu trabalho foi dividido em duas partes: a primeira, que registra cronologicamente os acontecimentos e as singularidades da antiga colônia, e a segunda, que funcionou como uma propaganda dos frutos da França Equinocial e da relevância da presença da fé católica dos franceses no território.

As chamadas Guerras de Religião (Christin; 2014; Dompnier; 1984), que assolaram a França desde o início do século XVI, tiveram papel decisivo na escolha dos capuchinhos para atuarem como missionários no Maranhão, já que a antiga colônia instalada no Brasil, conhecida por França Antártica (1555-1570), tinha fracassado, essencialmente, pelos conflitos de ordem religiosa que nela se instalaram (Tavares, 2014). Dessa vez, a decisão era que a nova colônia fosse católica. Os frades, então, foram escolhidos, sobretudo, pelo trabalho de conversão que vinham desenvolvendo no interior da França e pelo seu grande poder de conversão entre populares e nobres (Dompnier, 1984).

A França Equinocial, constituída primariamente por um grupo de franceses que contava com cerca de quinhentos navegantes,<sup>8</sup> dentre eles comerciantes, fidalgos, religiosos, artesãos e desenhistas, durou de 1612 a 1615. Seu curto tempo de existência, entretanto, foi importante para a produção de documentos<sup>9</sup> sobre as comunidades indígenas existentes nesse local, sua conversibilidade religiosa, o território do Maranhão e sobre sua natureza. Ainda que tenham sido eles a concretizá-lo, o projeto de ocupação do Maranhão não era desejo colonial apenas dos franceses. Antes dessa empreitada, nos anos iniciais do século XVII, algumas expedições portuguesas tinham se arriscado a chegar às terras dos tupinambá, que hoje conhecemos como Maranhão, Pará e Amazonas, entretanto não obtiveram êxito (Lisboa, 1976). O estabelecimento da colônia francesa nesse território só foi possível, em contrapartida, em razão das alianças existentes entre as aldeias tupinambá e alguns viajantes e comerciantes franceses que já tinham estado nessa região antes mesmo da ocupação colonial que viria a se estruturar em 1611 (Mariz, Provençal, 2007; Daher, 2007).

8 Esse número diz respeito a quantidade de pessoas que saíram da França em direção ao Maranhão. Depois da instalação da missão francesa e da construção da pequena vila onde a colonização aconteceu, esse número possivelmente se modificou. Ao fim da breve colônia o que se sabe é que boa parte dos franceses e tupinambás que viviam na França Equinocial acabaram mortos em confronto com os portugueses em 1614.

9 Os documentos utilizados neste artigo foram acessados digitalmente pela biblioteca digital Gallica da Biblioteca Nacional Francesa. Além dos documentos aqui utilizados, essa empresa colonial legou à posteridade um conjunto de cartas, das quais algumas sobreviveram ao tempo e, desse modo, foram publicadas na obra *Discours et congratulations à la France sur l'arrivée des Pères capucins en l'Inde nouvelle de l'Amérique méridionale, en la terre du Brésil* (d'Abbeville, Paris, Langlois, 1613). Outro documento que foi fruto dessa breve colônia foram os desenhos que, possivelmente, foram produzidos à comando de Charles de Vaux, militar e explorador francês, ao longo das incursões francesas pelo interior do Maranhão e terras próximas. Alguns anos depois, os desenhos que sobreviveram à tomada portuguesa do território e à travessia marítima foram reunidos no manuscrito *História dos animais e das árvores do Maranhão*, atribuído ao frei Cristóvão de Lisboa, e séculos depois publicados sob o mesmo título pelo Arquivo Histórico Ultramarino, de Portugal, em 1967.

Embora a narrativa dos missionários franceses tenha enfatizado as vantagens em se manter uma colônia no Maranhão, contando com a grande propaganda feita, sobretudo, por d'Évreux no fim de sua relação, ao convocar outros fidalgos e colonos franceses a irem ao Maranhão e lá se instalarem, o fim da França Equinocial ocorreu, mormente, a cargo de solicitações e proveitos políticos e comerciais, de forma similar ao seu estabelecimento. A aliança feita pelas monarquias da França e da Espanha, por meio do casamento de Luís XIII, filho de Maria de Médici e do rei francês Henrique IV, com a Ana d'Áustria, filha do rei Felipe IV de Espanha, fez com que os franceses recuassem em relação aos seus planos de manter uma colônia no território que, naquele momento, também estava sob domínio espanhol, por consequência da União Ibérica.

Em 1614, a batalha conhecida pelo nome de Guaxenduba (Abreu, 1963 [1907]) que teria acontecido em apenas um dia, consagrou a vitória dos luso-brasileiros, que viajaram de Pernambuco até o Maranhão para tomarem posse dessas terras, deixando em torno de 115 franceses mortos, entre eles marinheiros, fidalgos e nobres, além de mais de quinhentos nativos da região. Considerando o grande prejuízo causado pelos luso-brasileiros aos franceses nessa batalha, os colonos que tinham sobrevivido recuaram e sinalizaram trégua às tropas que ocupavam a França Equinocial. Os franceses sobreviventes entregaram formalmente a colônia aos seus oponentes, partindo do território em 1616, em direção à França, deixando no local apenas aqueles que, por vontade própria, ali quisessem continuar (Abreu, 1963 [1907]; Mariz, Provençal, 2007; Daher, 2007).

A escolha por estudar os animais e suas descrições nos séculos do início da modernidade pode explicar-se pela relação entre animais e humanos, à época estabelecida e ressignificada pelo discurso eclesial a partir da escala aristotélica – em que humanos e animais estão mais próximos que outros seres vivos<sup>10</sup> –, justifica-se pela falta de trabalhos acadêmicos brasileiros<sup>11</sup> sobre esse tema, especialmente no campo da história das ciências. Ao longo deste trabalho defendo que, através do comportamento animal, que servia como chave para a produção de lições morais nas relações da missão capuchinha acima citadas, os animais foram ora humanizados, ora bestializados, com o propósito de se compreender a natureza, bem como a temperança daquele território do Novo Mundo, conhecido até então pelos franceses como Maranhão e adjacências. Nesse caso, a narrativa e a tradição religiosa dos personagens aqui investigados também podem indicar características marcantes nessa interação entre natureza e humanidade, ou mesmo entre filosofia e teologia natural.

## Discussões sobre o comportamento animal no início da Época Moderna

Atualmente, o comportamento animal vem sendo estudado a partir da etologia. Um dos formuladores do que conhecemos por “etologia clássica”, que buscou estudar os padrões comportamentais de animais, como as aves, inspirado pelos postulados darwinianos, foi Konrad

10 Ver mais sobre a relação dos humanos com a natureza e outros seres vivos na modernidade em: Soares (1998, p. 65-82) e Thomas (2010 [1983]).

11 Existem, entretanto, alguns autores(as) que vêm se debruçando sobre a história dos animais no Brasil, como é o caso de Nelson Aprobato Filho (2007), Regina Horta Duarte (2005, 2006, 2014, 2017, 2019), Gabriel Lopes (2017), Valéria Mara da Silva (2007, 2010), Natascha de Ostos (2017), entre outros. Veja mais sobre a história dos animais no Brasil em: Duarte (2019).

Lorenz (1903-1989). Lorenz foi um dos zoólogos que, na segunda metade do século XX, desenvolveu teorias e métodos de análise desses padrões, junto de outros importantes estudiosos como Nikollas Tinbergen (1907-1988). Usando metodologias da comparação filogenética, Lorenz desenvolveu sua teoria, que propiciou a expansão da compreensão do conceito de “instinto” (Zuanon, 2007). Seus estudos estimularam vários zoólogos e psicólogos europeus, como por exemplo Gerard Baerends (1916-1999), outro importante representante dessa etologia.<sup>12</sup> Apesar dos ímpares estudos mencionados acima, nesse artigo, não busco identificar a origem desse campo de investigação, nem mesmo comparar a disciplina etologia com as investigações sobre os animais feitas nos séculos XVI e XVII. O comportamento animal, neste trabalho, será entendido a partir de outras categorias.

Ainda que não exista no Brasil uma discussão de fôlego sobre o tema em questão, há alguns trabalhos que situaram o comportamento, o temperamento e os hábitos dos animais ao longo de suas investigações históricas. É o caso de Lorelai Kury (2014), que estudou a expedição de dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis ao Maranhão e Grão-Pará, ressaltando seus escritos sobre os animais encontrados na capitania, especialmente as aves, e descritos em suas memórias (1752). De acordo com a autora, Potflis teria sido influenciado por outros naturalistas e cronistas que já tinham publicado obras sobre aquela localidade, como a de Charles Marie de La Condamine (1745), ou mesmo a relação do missionário Claude d’Abbeville (1614), que possui passagens muito similares a algumas descrições inseridas nas memórias de Potflis (Kury, 2014). Kury mostrou como alguns povos indígenas, com os quais o naturalista teve contato, influenciaram nas suas descrições das aves do Pará, como por exemplo do gavião. Os usos de partes de seu corpo pelos nativos, como suas unhas, suas penas, ou até mesmo seus olhos, foram destacados por Potflis e, como bem ressaltou a autora, indicavam a importância dos hábitos e características desses animais para a população nativa, como a boa visão desse pássaro.

Outro texto que procurou explorar essa temática foi o trabalho de José Luiz de Andrade Franco (2014). Em sua análise sobre a representação e descrição da *Panthera onca*, o autor investigou, dentre as representações da onça no Brasil, como os animais do Velho Mundo eram projetados na composição natural do Novo Mundo. Por exemplo, ao estudar as espécies de onças encontradas nos territórios da América portuguesa, Franco demonstrou como elas eram constantemente relacionadas e até mesmo confundidas com os leões.<sup>13</sup> Outro ponto levantado pelo autor foi o de que, em muitos relatos, a onça era retratada como “rainha da floresta”, pois era considerada um animal muito feroz pelos povos tupi-guarani. As nomenclaturas tupis se referem às qualidades desse animal, como investigou Franco, e carregavam consigo aspectos comportamentais e hábitos desses seres, como é o caso do animal denominado jaguatirica, que significa “fera fujona” em língua tupi-guarani. A circulação das descrições sobre as qualidades desse bicho alimentou a ideia de que era um animal perigoso e, de acordo com o autor, parte de suas características mais marcantes diziam respeito aos seus hábitos e comportamentos.

12 Para saber mais sobre as contribuições de Lorenz para a etologia, ver: Zuanon (2007).

13 De acordo com Wilma George (1969) esse tipo de comparação acontecia com frequência, especialmente nos registros escritos sobre as Américas e Áfricas, já que animais como os leões eram conhecidos desde séculos anteriores pela sua presença em mapas medievais e bestiários. Os registros escritos, de acordo com a autora, ainda se baseavam com frequência em obras antigas e clássicas, diferentemente dos cartógrafos, por exemplo, que tinham como suas fontes principais os relatos de viagens de seu tempo. Ver mais em: George (1969).

## O comportamento animal entre onças, grilos e preguiças do Maranhão

Claude d'Abbeville, em sua obra sobre a missão capuchinha no Maranhão, em geral, fez um menor número de descrições e comentários sobre os animais da então colônia, se comparado com a obra de seu irmão missionário, apesar de ter classificado e descrito um grande número desses bichos ao longo dos quatro capítulos da sua obra que dedicou a eles. Um desses capítulos é dedicado aos animais imperfeitos do Maranhão. O tópico, apesar de curto, evoca noções e valores como os de "utilidades animais", "animais monstruosos" e mesmo sobre a suposta natureza imperfeita desses seres que viviam abaixo da linha equinocial. Essas categorias, como "utilidade", "monstruosidade" e ainda a de "singularidade", serão levadas em consideração ao analisar os comportamentos, a temperança e os hábitos dos animais descritos pelos dois capuchinhos franceses.

Segundo Claude d'Abbeville, na terra do Maranhão havia animais pequenos que muito incomodavam o homem. O missionário fez questão de destacar que, apesar de algumas pessoas já terem ouvido falar sobre esses bichos, e não saberem da veracidade das informações sobre eles, essas eram verídicas e o religioso as teria constatado pessoalmente.<sup>14</sup> Claude d'Abbeville afirmou nesse capítulo que, em qualquer país do mundo onde existiam animais perfeitos, existiriam os imperfeitos. Esses, por sua vez, podiam ser classificados como insetos ou *anulata*, segundo a tradição aristotélica reafirmada em Plínio. De acordo com o religioso, esses bichos não possuíam sangue ou outros órgãos, como membros distintos, cabeças e ventre, além de dorso e peito. Esses animais também teriam a pele enrugada, ou algumas marcas específicas, como círculos ou chapas redondas (d'Abbeville, 1614, p. 255-256). As descrições feitas pelo religioso apresentaram a ideia de que esses animais imperfeitos seriam menos úteis, ou não teriam utilidade alguma. Inclusive, alguns deles poderiam até provocar mazelas nos humanos e em outros animais.

Para Aristóteles, os seres vivos deveriam ser compreendidos a partir da sua matéria, relacionada às suas formas. Por meio dela, numa escala natural, era possível, para o filósofo, considerar o calor vital dos seres, além de qualificar, a partir do mesmo, a hierarquia existente entre eles, indo dos humanos, passando pelos animais, depois pelas plantas, até o mais imperfeito, os compostos sem vida (Ariza, Martins, 2010). Essa temática da imperfeição de alguns animais, como já aparecia nos monstros em bestiários medievais<sup>15</sup> e em textos teológicos, continuou sendo um modelo, inclusive de ordem entre os seres vivos, para a compreensão das suas qualidades e utilidades à vida humana.

Antes mesmo de falar dos animais imperfeitos que encontrou no Maranhão, o missionário francês citou alguns que existiam na França, como era o caso das vespas, borboletas, moscas, escaravelhos, lagartas, aranhas, formigas, vermes e traças. Em seguida, nos são apresentados

14 Não é possível saber, no entanto, se d'Abbeville se baseou apenas em experiências pessoais e constatações *in loco* quando assim o afirmava. Muito provavelmente, por conta do curto tempo que permaneceu na colônia, alguns trechos de suas descrições foram feitos a partir de outras obras já conhecidas de crônicas sobre o Novo Mundo.

15 É importante ressaltar que, muitas vezes, nesses bestiários, os animais eram descritos e representados graficamente, de modo a apresentar alguns de seus hábitos, num sentido educativo, com o objetivo de cristianizar a população por meio desses exemplos.

os animais imperfeitos do Maranhão. O interessante das qualidades desses animais citadas por d'Abbeville, além da nomenclatura indígena que foi utilizada ao longo de todo o seu registro sobre a França Equinocial, é que, na maioria das vezes, o religioso chamou a atenção do leitor para as doenças que esses bichos poderiam causar.

Ao descrever um pequeno verme chamado de *ton* pelos indígenas, o religioso explicou que ele se alojava embaixo das unhas dos pés e das mãos de crianças e adultos. Uma vez instalado, se não fosse retirado do corpo humano, segundo o autor, o verme atravessaria a pele até chegar na carne viva. Caso isso acontecesse, d'Abbeville relatou que continuavam se nutrindo do corpo que haviam adentrado e que, em alguns dias, passavam a ter o tamanho de uma ervilha. D'Abbeville ainda comentou que, às vezes, deitavam lêndeas no lugar onde estavam alojados, causando irritação e incômodo na pele. O missionário relatou que chegou a conhecer algumas pessoas que tiveram esse problema de forma tão grave, a ponto de não conseguirem andar ou trabalhar. Entretanto, o religioso afirmou que, apesar da moléstia terrível, existia remédio pronto para essa mazela, pois esses vermes poderiam e deveriam ser retirados da pele o quanto antes (d'Abbeville, 1614, p. 255-256). Ainda sobre esse pequeno verme, d'Abbeville disse que sua picada não era venenosa, portanto, não causaria maiores problemas. Também explicou que seria possível evitá-los com a limpeza, já que eles eram gerados, de acordo com o autor, no pó.<sup>16</sup> Ocorre que muitos índios das aldeias da região utilizavam urucu, ou azeite de palma, que servia como tintura vermelha, enquanto ornamentos corporais. No preparo dessa tintura e no momento de passá-la no corpo, especialmente nos pés e mãos, o capuchinho acreditava que esse bicho acabava se alojando em seus corpos. D'Abbeville comentou que esse verme também perseguia os cães que, junto dos franceses, viajaram e se instalaram no território da França Equinocial (d'Abbeville, 1614, p. 256-257).<sup>17</sup>

A relação entre os animais também foi exposta, como no exemplo acima, quando o religioso escreveu sobre outro verme que encontrou no Maranhão. De acordo com o capuchinho, esse outro animal tinha o tamanho de um grilo, sendo muito semelhante a ele. Os indígenas os chamavam de *coeuissuip* e, segundo o autor, havia muitos deles pelas aldeias do Maranhão. D'Abbeville relata que esses animais passavam o dia se alimentando de objetos como sapatos e roupas. Além de se alimentarem desses itens, também comiam outros animais como os *tons* acima citados. Nas aldeias, onde viviam em abundância, como descreveu o religioso, enchiam o chão das casas e serviam de alimento a outros animais, como as galinhas e os patos, que eram animais domésticos e viviam junto aos humanos nas aldeias. É interessante notar que o capuchinho insinua uma ideia de "cadeia alimentar", afirmando que esse verme guerreava com os animais domésticos, já que as galinhas comiam esses bichos, que por sua vez comiam os *tons*, que, em seguida, incomodavam e se alimentavam de carne humana quando penetravam na sua pele e, por último, os humanos se alimentavam das galinhas, formando um ciclo (d'Abbeville, 1614, p. 257).

Em muitas das descrições feitas pelos missionários foram utilizadas capacidades e virtudes consideradas humanas para fazer referência aos animais que eles teriam encontrado

16 Em outros momentos dos registros, tanto de d'Abbeville, quanto de d'Évreux, há descrições que são relacionadas com a ideia de geração espontânea. A origem da vida dos animais fazia parte da sua descrição e classificação, por isso, saber sobre a geração desses seres era fundamental para a filosofia e a história natural que se faziam nesse momento.

17 Os cães foram animais aclimatados no Brasil desde os primeiros empreendimentos coloniais. Em geral, eram usados para caça a outros animais selvagens, como a onça.



no Maranhão. Essa era uma forma de refletir a imediação ambiental e moral existente entre humanos e animais. Um dos casos que aparece ao longo das obras dos missionários franceses é a descrição feita por Yves d'Évreux sobre os grilos do Maranhão, no capítulo de sua relação sobre os grilos, os camaleões, as moscas e as traças que existiam nos espaços da então colônia:

Entre os bichinhos caseiros que fazem companhia<sup>18</sup> ao homem no Brasil, os mais numerosos são os grilos, chamados de *Coujou* pelos selvagens. E como é realmente muito caseiro, pude observar com toda a calma e curiosidade as qualidades desse pequeno animal [...] esse pequeno animal é muito ávido de acasalamento, por isso se multiplica por demais naquela região. Esse bichinho é muito pequeno, mas muito esperto também. Sabe exatamente quais as horas mais adequadas para ir buscar seu alimento, e quais os melhores momentos para cantar [...]. Há quatro inimigos que perseguem os grilos incansavelmente. Os primeiros são os lagartos [...] os segundos são certos macaquinhos amarelos e verdes, chamados de *Sapaious* pelos selvagens, alegres e espertos como pássaros [...] os terceiros são as galinhas, que engolem os grilos com uma avidez incrível [...] (d'Évreux, 1864 [1615], p. 187-188).<sup>19</sup>

O religioso buscou reforçar a ideia de que os grilos eram bichos caseiros, espertos e que pareciam saber a hora certa para buscar seu alimento nas habitações humanas, onde também viviam a maior parte do tempo. Ademais, d'Évreux ressaltou outras qualidades de hábitos e comportamentos que foram relacionadas a eles, como o fato dos grilos serem considerados animais ávidos<sup>20</sup> pelo acasalamento, levando em conta a importância dos modos de reprodução para a classificação dos seres vivos para a história e a filosofia natural na época. "Ser esperto" e "saber a hora exata de cantar" eram virtudes consideradas humanas, pois os animais não eram compreendidos como seres dotados de razão, sendo, por isso, incapazes de pensar. O instinto, virtude mais ligada aos sentidos, que era atribuído aos animais (Silva, 2010), em contrapartida, era entendido como a causa de certos comportamentos que faziam os animais "saber" como se portar em determinadas ocasiões.

Ao longo de suas descrições, d'Évreux escreveu que teve a chance de observar e estudar alguns animais, como as cigarras, que mandou guardar na casa dos frades menores erguida em São Luís, vila fundada na então colônia. O missionário expressou suas considerações acerca do canto desse animal, e como ele estava conectado com sua respiração. O canto dos animais, indicado com frequência especialmente por d'Évreux para se referir às mudanças de estação e do clima do Maranhão, era um elemento muito importante para a determinar a localização dos animais e a sua relação com outros seres. Novamente, nessa descrição, o capuchinho fez relação entre anatomia, hábitos e o clima e a temperança da terra. Em outros capítulos, o missionário descreveu a vocalização de animais terrestres, como os macacos, e o que ela podia indicar em relação à sua situação, ou seja, se eles estavam em perigo, ou se poderiam estar atacando algum humano ou outro animal.

18 Os bichos que fazem companhia não necessariamente eram considerados animais domésticos. Muitas vezes apenas dividiam o mesmo ambiente com os humanos.

19 Todas as citações desse artigo foram traduzidas ao português atual.

20 O grilo já era um animal conhecido pelos leitores e letrados europeus, que tiveram contato com bestiários medievais e obras importantes do período, como as fábulas de Esopo, ou as de Fontaine.

Ainda que a narrativa dos dois capuchinhos tenha descrito tanto os animais aquáticos, quanto terrestres e aqueles que viviam no ar, ou seja os pássaros, o comportamento desses bichos era mais bem explorado no caso dos animais terrestres e, em alguns casos, de aves. Acredito que isso tenha ligação com a utilização e descrição dos peixes, muito pautada na atividade de pesca dos Tupinambá, uma vez que serviam como base da alimentação tanto para os indígenas, quanto para os franceses ao longo de sua estada na breve colônia.<sup>21</sup>

Dentre os animais terrestres, certas categorias de descrição do seu comportamento aparecem de forma constante nos registros franceses, como por exemplo as qualidades de animais bravos, animais perigosos, ou animais mansos e morosos. Elas poderiam indicar se os bichos eram domésticos, conviviam com os humanos ou outros animais, ou se eram selvagens. Além disso, podiam refletir a proximidade ou distanciamento em relação aos humanos, ou mesmo sua proximidade com a noção de monstruosidade.<sup>22</sup> Os monstros podiam ser descritos de formas distintas dependendo da sua localização na Terra. Lawrence (2018) demonstrou essa diferença em relação ao chamado “pássaro do Paraíso”, uma ave que já era conhecida na Europa desde as viagens medievais ao Oriente, sendo descrita como um pássaro sem pernas, que ficava o tempo inteiro no ar, voando. Por isso, essa ave era considerada um símbolo divino, um animal que estava mais próximo de Deus. Depois da chegada dos europeus às Américas, esse e outros animais começaram a ser qualificados de forma menos idílica, já que as narrativas sobre suas características, dessa vez, destacavam seu formato monstruoso, suas garras, e até a ameaça que podiam representar a outros animais e humanos (Lawrence, 2018). Nessa situação, há conexão entre o formato dos animais, seu comportamento e sua natureza mais ou menos monstruosa na narrativa sobre os animais do Novo Mundo.

Um dos bichos que, em geral, mais aparece nos registros dessa época, identificado como moroso, ou manso, é a preguiça. Considerado um animal monstruoso, sobretudo por conta das supostas semelhanças entre seu rosto e o rosto humano, o comportamento lento, e mesmo seu hábito de viver nos troncos das árvores eram alguns dos fatores recorrentemente relacionados com sua classificação como animal manso, preguiçoso:

Há ainda outro animal monstruoso, de cabeça redonda muito parecido com o homem, de pelos pardos e grossos, e de quatro pés, de que se serve para trepar, com três garras em cada pé, cada uma do tamanho de um dedo, muito fortes, e com que se agarram e trepam, sendo difícil tomar-lhe qualquer objeto quando por ele agarrado. Quando na superfície da terra, arrasta-se com o ventre, e às vezes enterra-se também por ela adentro. Quando trepado numa árvore, não a deixa sem comer todas as suas folhas, depois desce, principia a comer terra até galgar outra árvore onde faz o mesmo [...] Quer de rastos, quer trepado, é sempre moroso, e por isso o chamam preguiça (d’Abbeville, 1614, p. 239).

21 Vale ressaltar que o sabor da carne desses animais caçados ou pescados para a alimentação aparece com frequência nos registros dos franceses, como uma forma de traduzir essa experiência sensorial e direta. O paladar, enquanto sentido, e o gosto, expressão da natureza desses bichos, também serviam, nesse período, para aproximar os animais do Novo Mundo dos animais ou da própria realidade dos europeus.

22 Para ler mais sobre a história da domesticação, ver: Morales Muñiz (2000), Swanson, Lien, Ween (2018). Sobre a ideia de curiosidade, ver: Canguilhem (2008 [1965]), Kappler (1994) e Lawrence (2018).

D'Abbeville descreveu a preguiça salientando justamente seus hábitos relativos ao modo de vida e alimentação. A anatomia, sobretudo, a composição de suas garras, que poderiam servir para qualificar esse animal como perigoso, ou feroz, ao contrário, auxiliaram a descrevê-lo como animal moroso e preguiçoso, pelo fato de que esse bicho as utilizava, segundo o capuchinho, para trepar-se em árvores e não para defender-se ou atacar outros animais.

Antes de Claude d'Abbeville, outros autores já tinham descrito esse mesmo animal e registrado alguns de seus hábitos que, na época, alimentaram a ideia de ser ele um bicho estranho ou exótico. Jean de Léry e André Thevet, em seus registros sobre a viagem ao Brasil e sobre a atuação deles na França Antártica, alguns anos antes, já tinham escrito sobre esse bicho. Segundo os franceses, a preguiça era considerada feroz, porém, na mata, se sentia muito facilmente ameaçada. Pode-se dizer que, segundo os autores, ela se sentia ameaçada até mesmo por seus comportamentos similares aos de uma criança, característica que consideravam ser perceptível em toda a natureza americana. Além disso, Thevet chegou a considerar que esse animal vivesse no ar, já que passava boa parte do tempo agarrado em troncos de árvore; e que, por isso, devia se alimentar nesse ambiente (Thevet, 1558, fl. 99-100).

Entretanto, foi somente a partir das descrições de Gabriel Soares de Sousa (1587) que a preguiça passou a ser vista como um animal manso e moroso, visivelmente preguiçoso pelo seu movimento e suas atividades demoradas.

Nestes meios se cria um animal muito estranho, o qual os índios chamam *ahv*, e os portugueses preguiça, nome certo a este animal, pois não há fome, calma, frio, água, fogo, nem outro nenhum perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra; o qual é felpudo como cão d'água, e do mesmo tamanho [...] com pouca carne, e muita lã; tem as unhas como cão e muito voltadas; a taboca como galo, mas coberta de gadelhas, que lhe cobrem os olhos; os dentes como galo. As fêmeas parem uma só criança [...] ao pescoço dependurada pelas mãos [...] e param em cima das árvores, de cujas folhas se mantêm, e não só descem nunca ao chão, nem bebem; o são estes animais tão vagarosos que poste um ao pé de uma árvore, não chega ao meio dela desde pela manhã até as vésperas, ainda que esteja morta [...] (Sousa, 1851 [1587], p. 257-258).

No trecho acima, nota-se que esse bicho já era comparado a animais conhecidos pelos europeus, como o galo e o cão, que eram animais domésticos. Souza enfatiza, para além de sua descrição morfológica, que a preguiça devia assim ser chamada por conta de seus hábitos lentos. A descrição do luso-brasileiro é bastante parecida com a de d'Abbeville, o que indica que possivelmente o francês possa ter se baseado em sua obra.

Tanto os capuchinhos franceses que atuaram no Maranhão, quanto outros viajantes e cronistas posteriores a eles, como é o caso de Ambrósio Fernandes Brandão e mesmo Willem Piso e George Marcgrav, passaram a descrever esse animal como manso, preguiçoso e vagaroso:

Esta preguiça é do tamanho de um cachorro, posto que não tão alevantada, de um estranho rosto e feições [...] dotado por natureza de grande freima e preguiça, em tanto que, para haver de subir ou baixar de uma árvore, posto que pequena, gasta pelo menos dois dias de tempo, e pela terra lhe sucede o mesmo para se haver de mover pequeno espaço; porque para levantar e estender um braço, e depois fazer o mesmo do outro para ir avante, faz intervalo de um bom quarto de hora, sem bastar, para que se mova com mais alguma pressa [...] (Brandão, 2010, p. 278-279).

No registro de Brandão, alguns anos depois de d'Abbeville, pode-se ler novamente a associação morfologia da preguiça com a do cachorro, e a tônica de que esse animal era muito lento. Assim, a circulação e a reprodução dessas descrições podem ter auxiliado na estabilização da noção de que esse animal deveria ser reconhecido pelo nome de "preguiça", justamente por conta de seus hábitos e comportamentos lentos.

Outro bicho frequentemente descrito e qualificado nessa época, mas a partir das categorias "feroz" e "selvagem" é a onça. Yves d'Évreux fez uma descrição minuciosa desse animal, trazendo aspectos relativos ao seu comportamento no que concerne a outros animais, aos humanos e mesmo seu caráter solitário de vida (d'Évreux, 1864 [1615], p. 196-199). Considerado um animal muito perigoso, talvez o mais perigoso do Brasil, segundo d'Évreux, a sua aparição em relatos de viagem e sua classificação como feroz é de longa data. José de Anchieta (1997 [1560]) no início da colonização jesuítica do Brasil, havia dito que se encontrava nessas terras panteras de duas qualidades, uma parda e outra pintada, sendo elas boas para comer – possivelmente por conta da caça indígena ao animal (Freitas, 2003).

De acordo com Yves d'Évreux, o temperamento desse animal é um de seus aspectos mais expressivos. Ele o compara com os galgos da Europa, apesar de ter afirmado que o focinho das onças do Brasil era ainda mais semelhante com o focinho dos gatos (d'Évreux, 1864 [1615], p. 196). Os galgos são cães de origem antiga e conhecidos pela sua rapidez. A aparência de feroz foi enfatizada a respeito de algumas de suas características anatômicas. D'Évreux chegou a afirmar que as onças tinham bigodes e olhos ferozes e atentos, e garras enormes (d'Évreux, 1864 [1615]), assim como em outros exemplos de descrição, nas quais o uso do exagero ao informar sobre os aspectos anatômicos de um animal era bastante comum, inclusive, para refletir seus hábitos e comportamentos. O exagero aparece tanto no que diz respeito ao seu comportamento, quanto ao seu relacionamento com os humanos e outros animais.

Ao escrever sobre como esses animais se relacionavam com outros e com os humanos, o religioso relatou o medo que elas pareciam sentir ao serem confrontadas com fogo, bem como sobre a caça que elas praticavam, especialmente a procura de macacos e cães. Sobre o ato de caça, é interessante notar que d'Évreux afirmou que esses animais tinham uma espécie de instinto, mesmo que indiretamente, e que, muitas vezes, eles partiam das suas percepções sensitivas. Por exemplo, quando o missionário escreveu sobre a caça aos macacos praticada pelas onças, afirmou que quando escutavam ou viam que os macacos estavam reunidos em algum lugar, elas se movimentavam em direção a eles, vagarosamente, arrastando o ventre no chão assim como os gatos, e depois fingiam estarem mortas. Depois que os macacos passavam por elas, se aglomerando a fim de analisar se a onça estava de fato morta, "rangendo os dentes e resmungando uma algazarra de congratulações por sua morte", as onças despertavam ao som de suas vozes e levavam-nos ao topo de uma árvore matando-os (d'Évreux, 1864 [1615], p. 197).

Nas descrições mencionadas, nota-se a recorrente associação de características humanas aos animais, especialmente no que diz respeito aos seus instintos, que parecem se confundir com a capacidade de "saber" ou até mesmo de "raciocinar". Acredito que essa associação se deva à própria doutrina franciscana da qual ele e d'Abbeville faziam parte. Os animais eram, muitas vezes, inseridos em sermões do fundador da Ordem, Francisco de Assis, e seus seguidores. Neles, os bichos se encaixavam como seres com comportamentos exemplares e, em alguns casos, humanizados. Logo, os exemplos que eles evocavam nos sermões deveriam ser seguidos, ou mesmo servir de maus exemplos aos fiéis. Um desses casos é o seu "Sermão aos

pássaros”, em que Assis pregou para as aves em meio à sua peregrinação e elas pareciam o ter escutado. A ideia, de forma geral, era a de que o Evangelho deveria ser espalhado pelo mundo todo e para todos, incluindo os irmãos animais (Gonçalves, 2016; Garcia, 2014). Logo, a aproximação entre animais e humanos através de seus comportamentos figurava como um elemento frequentemente presente nas produções franciscanas.

Ainda sobre as onças, D'Évreux também escreve sobre a frequência da sua reprodução, que parecia ser bastante esparsa pela pouca quantidade desse animal que se encontrava no Brasil, além de destacar que também existiam espécies de onças marinhas, muito parecidas com as terrestres e igualmente ferozes (d'Évreux, 1864 [1615], p. 197-98).

Não era incomum que os cronistas, exploradores e missionários confundissem as onças com os tigres e leões, animais já conhecidos pelos europeus, por conta das suas semelhanças morfológicas e supostamente comportamentais. Inclusive, em seus registros sobre suas viagens ao Brasil, Hans Staden e, posteriormente, Gabriel Soares de Sousa, dois cronistas de grande influência no período, escreveram justamente que havia muitos tigres e uma sorte de leões chamados leopardos (Staden, 1900, p. 161) na América portuguesa, capazes de fazer estragos físicos consideráveis aos homens.

É possível dizer que a obra de Staden deu início à tônica do que passaria a ser descrito e compreendido sobre as onças e seu comportamento, como por exemplo seus hábitos predatórios, tanto em relação aos homens, quanto aos outros animais domésticos. Por isso, justamente, o tema da caça, tanto a praticada por esse animal, quanto a caça feita a ele, foi um dos temas recorrentes em suas descrições, pelo menos, até o século XVIII.

Claude d'Abbeville também descreveu uma espécie de onça chamada *ianouare* (januare). Segundo o religioso, ela podia ser qualificada entre os animais ferozes que existiam na França Equinocial, como os gatos bravos, os macacos e os cães. Ela teria o tamanho de um cão inglês e possuía a pele pintada. De acordo com o capuchinho, elas eram muito temidas pelos indígenas, por conta de seu comportamento perigoso em relação aos humanos e aos outros animais (d'Abbeville, 1614, p. 251).

A onça, confundida com tigres e leões pelos europeus, foi caracterizada como um animal selvagem e feroz, tanto pelas suas semelhanças morfológicas com esses outros dois bichos, quanto pela ameaça que representava aos outros animais e humanos. Seu comportamento é um dos elementos mais notáveis em suas descrições, e ainda assim, d'Évreux afirmou que elas não se reproduziam muito e que, por isso, não havia um grande número desse animal na colônia.<sup>23</sup>

É possível, também, identificar as qualidades de animais ferozes, ou mansos, nos nomes dos animais que aparecem nas obras de missão e viagem aqui analisadas. Por exemplo, Claude d'Abbeville fez uma lista de vários animais existentes no Maranhão e adjacências e, dentre eles, é possível encontrar alguns como as vacas bravas, ou selvagens, e os gatos bravos. O religioso também empregou essa forma de classificação em relação a outros animais.

Ao escrever sobre as aves, o missionário considerou que algumas delas poderiam ser caracterizadas como ferozes e barulhentas, como é o caso do *ouyra-ouassou* (uíra-uaçu), considerada pelo frade uma espécie de ave de rapina. Além de fazer descrições sobre sua anatomia, a cor de

23 É possível que seu comentário sobre a escassez de onças tenha ligação com o fato de serem animais noturnos, mas também pode ter sido parte da propaganda que o religioso ergueu ao longo de sua obra sobre os frutos da colônia.

suas penas e compará-lo com a águia, já conhecida na Europa, d'Abbeville também escreveu que esse pássaro era muito furioso, e por isso capaz de matar outros animais e humanos. Outro comentário importante que o religioso adicionou em sua descrição foi sobre o costume que esse animal tinha de caçar veados, corças e outros pássaros e animais indistintamente. Segundo o autor da obra, ao retornar à França, teria levado três exemplares dessa ave consigo, dos quais apenas um teria sobrevivido à travessia. Esse único que sobreviveu foi dado ao rei (d'Abbeville, 1614, p. 232-233). Além dos detalhes mais práticos relativos ao transporte de animais entre as rotas marítimas do império francês, o comportamento dessa ave fica em evidência como um denominador de sua distância em relação aos humanos e outras aves domésticas e ao perigo que ela oferecia aos humanos e animais.

## Considerações finais

Portanto, seja através do nome dado aos animais, pelas morfologias, o perigo ou falta de utilidade a vida humana, o comportamento foi uma categoria de classificação e descrição recorrentemente usada pelos franceses ao longo das suas obras sobre a colônia francesa, seja para realçar a curiosidade acerca das singularidades e maravilhas monstruosas que poderiam existir nesse local, como as preguiças que foram caracterizadas como animais estranhos, ou para destacar a diversidade de sortes de animais existentes nesse local e a variedade de novos hábitos que eles possuíam, muitas vezes até melhores (talvez mais úteis aos humanos) do que os existentes na França, ou ainda para defender a existência e permanência da França Equinocial como uma colônia francesa que, desde seu início, estava em franca ameaça de subtração. Na maior parte das descrições em que se localizam traços de hábitos e comportamentos animais, nota-se uma relação entre o formato de determinado bicho e tais elementos comportamentais. Busquei demonstrar essa observação nos exemplos citados, como a preguiça, algumas aves, e mesmo a onça.

Ao longo da análise das fontes, busquei destacar as especificidades do papel do comportamento animal nas obras dos capuchinhos franceses aqui analisados, sobretudo, no que diz respeito a humanização e "bestialização" desses bichos. Entretanto, não deixei de ressaltar que essa categoria de classificação não era utilizada com exclusividade pelos frades franceses, mas também por diversos outros religiosos e investigadores da natureza desse período. Acredito que o comportamento pode ser encarado como parte de uma *economia moral*, que segundo Lorraine Daston pode ser definida como uma "rede de valores saturados de afeto" (Daston, 2017a, p. 39). Os valores que sustentam as narrativas capuchinhas, seja pela doutrina franciscana ou pela ideia de curiosidade, monstruosidade e utilidade, que eram importantes para a classificação natural no período, também faziam parte da virtude epistêmica em voga nesse momento, que segundo Lorraine Daston e Peter Galison (2007) era a chamada *truth to nature* ou "verdade na natureza". Ou seja, a verdade sobre a Criação poderia ser enxergada através dos elementos naturais que Ele teria espalhado pela Terra para os humanos decifrares.

Nessa dinâmica, portanto, o comportamento e os hábitos podiam indicar a monstruosidade, a utilidade, a ameaça ou a doçura e passividade desses bichos em relação aos humanos. No caso dos capuchinhos, os comportamentos também serviam para estruturar uma narrativa que humanizava esses animais. Essa, por sua vez, poderia servir como uma espécie de exemplo aos fiéis, já que os animais considerados "espertos" eram descritos de maneira positiva e curiosa e outros, como aqueles ferozes, eram caracterizados como ameaças selvagens.

## Referências bibliográficas

- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Brasília: Editora UnB, 1963 [1907].
- ADES, C. Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da etologia no Brasil. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, v. 78, n. 1, p. 90-104, 2010.
- ANCHIETA, J. *Carta de São Vicente*. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 1997 [1560].
- APROBATO FILHO, N. *O couro e o aço*: sob a mira do moderno, a "aventura" dos animais pelos "jardins" da Paulicéia, final do século XIX, início do XX. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ARIZA, F. V; MARTINS, L. A.-C. P. A "scala naturæ" de Aristóteles no tratado "De generatione animalium". *Filosofia e História da Biologia*, v. 5, n. 1, p. 21-34, 2010.
- BARATAY, E. *Le point de vue animal*: une autre version de l'histoire. Paris: Éditions du Seuil, 2012.
- BARATAY, E. *L'église et l'animal*: France, XVIIe-XXe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 1996.
- BRANDÃO, A. F. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2010.
- CANGUILHEM, G. *Knowledge of life*. New York: Fordham University Press, 2008 [1965].
- CHRISTIN, O. O desfecho das guerras de religião: a autonomização da razão política na metade do século XVI. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 14, p. 139-165, 2014.
- D'ABBEVILLE, C. *Histoire de la mission des peres capucins en l'isle de Maragnan & terres circonvoisines, où est traicté des singularitez admirables & des meurs merueilleuses des indiens habitants de ce pais avec les missiues et aduis qui ont este envoyez de nouveau*. Par le R. P. Claude d'Abbeuille predicateur capucin. À Paris: Imprimerie de François Huby, 1614.
- D'ABBEVILLE, C.; PARIS, A.; LANGLOYS, D. (ed.). *Discours et congratulations à la France sur l'arrivée des Pères capucins en l'Inde nouvelle de l'Amérique méridionale, en la terre du Brésil*. Paris: chez Denis Langloys, 1613.
- DAHER, A. *O Brasil francês*: as singularidades da França Equinocial (1612-1615). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DASTON, L. A economia moral da ciência. In: DASTON, L. *Historicidade e objetividade*. Trad. de Derley Menezes Alves e Francine Iegelski. São Paulo: LiberArs, 2017a. p. 37-51.
- DASTON, L. Objetividade e imparcialidade: virtudes epistêmicas nas humanidades. In: DASTON, L. *Historicidade e objetividade*. Trad. de Derley Menezes Alves e Francine Iegelski. São Paulo: LiberArs, 2017b. p. 125-143.
- DASTON, L.; GALISON, P. Truth-to nature. In: DASTON, L.; GALISON, P. *Objectivity*. New York: Zone Books, 2007.
- DASTON, L.; PARK, K. *Wonders and the order of nature (1150-1750)*. New York: Zone Books, 1998.
- DAVIES, S. *Renaissance ethnography and the invention of the human*: new worlds, maps and monsters. New York: Cambridge University Press, 2016.
- D'ÉVREUX, Y. *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le Père Yves d'Évreux*. Publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Impériale de Paris, 1864. Avec une introduction et des notes par Ferdinand Denis. Traduit par A. Franck e Albert Herold. À Paris: [s.n.], 1864 [1615].

- DOMPNIER, B. Les missions des Capucins et leurs empreintes sur la Réforme catholique en France. *Revue d'Histoire de l'Église de France*, n. 184, p. 127-147, 1984.
- DUARTE, R. H. *História e natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DUARTE, R. H. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção. *Latin American Research Review*, v. 41, n. 1, p. 3-26, 2006.
- DUARTE, R. H. Zoogeografia do Brasil: fronteiras nacionais, percursos panamericanos. *Latin American Research Review*, v. 49, n. 1, p. 68-83, 2014.
- DUARTE, R. H. História dos animais no Brasil: tradições, historiografia e transformação. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (Halac)*, v. 9, n. 2, p. 16-44, 2019.
- DUARTE, R. H. Zoos in Latin America. In: BEEZLEY, William (ed.). *The Oxford research encyclopedia of Latin American history*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-21.
- FINDLEN, P. *Possessing nature: museums, collecting, and scientific culture in Early Modern Italy*. Berkeley: University of California Press, 1994.
- FLECK, L. *Gênese e desenvolvimento do fato científico*. Trad. de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].
- FRANCO, J. L. de A. As representações da "Panthera onca" no Brasil. In: KURY, L. B. *Representações da fauna no Brasil, séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.
- FREITAS, I. A. de. Para pensar um Novo Mundo: a geografia dos jesuítas no Brasil. *Mercator: Revista de Geografia da UFC*, v. 2, n. 3, p. 31-44, 2003.
- FOURNIVAL, R. *Le bestiaire d'amour*. par Richard Fournival, suivi de la Réponse de la dame. Paris: [s.n.], 1860.
- FUDGE, E. A left-handed blow: writing the history of animals. In: ROTHFELS, N. (ed.). *Representing animals*. Bloomington: Indiana University Press, 2002. p. 3-18.
- FUDGE, E. Renaissance animal things. In: LANDES, J. B.; LEE, P. Y.; YOUNGQUIST, P. (ed.). *Gorgeous beasts: animal bodies in historical perspective*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2012. p. 41-56.
- GARCIA, G. G. Francisco de Assis e a comunhão das criaturas. *Caminhos: Revista de Ciências da Religião*, v. 12, n. 1, p. 125-142, 2014.
- GEORGE, W. *Animals and maps*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- GONÇALVES, R. Francisco de Assis: mestre dos animais, exemplo dos homens. *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 9, n. 1, p. 53-67, 2016.
- HACKE, D.; MUSSELWHITE, P. *Empire of the senses: sensory practices of colonialism in Early America*. Leiden: Brill, 2017.
- HARRISON, P. The virtues of animals in seventeenth-century thought. *Journal of the History of Ideas*, v. 59, n. 3, p. 463-484, 1998.
- HOLANDA, S. B. de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2000 [1959].
- KAPPLER, C. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KURY, L. B. Gaviões arditos, aves curiosas: o manuscrito de d. Lourenço de Potfliz (1752). In: KURY, L. B. (org.). *Representações da fauna no Brasil, séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.
- LAWRENCE, N. Making monsters. In: CURRY, H. A.; JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. (eds.). *Worlds of natural history*. New York: Cambridge University Press, 2018.



- LÉRY, J. de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*. [s.l.]: Antoine Chuppin, 1577.
- LIMA, T. S. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.
- LISBOA, C. D. *História dos animais e das árvores do Maranhão*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Ultramarinos, 1967.
- LOPES, G. "Anopheles gambiae" no Brasil: antecedentes para um "alastramento silencioso", 1930-1932. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 26, n. 3, p. 823-839, 2017.
- MACIEL, M. E. De enciclopédias e bestiários: lugares incomuns. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 28, p. 52-56, 2006.
- MARCGRAVE, G.; PISO, W. *Historia naturalis Brasiliae [...] in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum orbis, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Organizado por Joannes de Laet. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local--files/marcgrave-1648>. Acesso em: 15 set. 2021.
- MARIZ, V.; PROVENÇAL, L. *La Ravardière e a França Equinocial: os franceses no Maranhão, 1612-1615*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- MORALES MUÑIZ, D. La fauna exótica em la Península Ibérica: apuntes para el estudio del coleccionismo animal en el Medievo hispánico. *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie III, Hª Medieval, t. 13, p. 233-270, 2000.
- SILVA, V. M. da. Nascidas do sol e da chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SILVA, V. M. da. O Brasil contra a saúva: considerações sobre a Campanha Nacional de 1935. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS-UFU*, p. 563-580, 2010, p. 563-580.
- OSTOS, N. S. C. de. União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 37 n. 1, p. 1-22, 2017.
- PARRISH, S. S. *American curiosity: cultures of natural history in the Colonial British Atlantic World*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.
- REBOLLO, R. A. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiae Studia*, v. 4, n. 1, p. 45-81, 2006.
- RIBEIRO, M. E de B. Entre saberes e crenças: o mundo animal na Idade Média. *História Revista*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 135-149, 2013.
- SÁ, D. M. de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SHAPIN, S. *The Scientific Revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2018 [1996].
- SILVA, M. F. S. Aristóteles. *Partes dos animais*. (Tradução). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2010.
- SMITH, P.; FINDLEN, P. (eds.). *Merchants and marvels: commerce, science and art in Early Modern Europe*. New York: Routledge, 2001.
- SOARES, Luís Carlos. *Do Novo Mundo ao universo heliocêntrico*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SOUSA, G. S. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851 [1587].
- SMITH, Pamela. Art, science and visual culture in Early Modern Europe. *Isis*, v. 97, n. 1, p. 83-100, 2006.

- STADEN, H. *Viagem ao Brasil*. Trad. de Alberto Löfgren e Teodoro Sampaio. São Paulo: Tipografia da Casa Eclectica, 1900.
- SWANSON, H. A.; LIEN, M.; WEEN, G. B. Introduction: naming the beast, exploring the otherwise. In: SWANSON, H. A.; LIEN, M.; WEEN, G. B. (eds.). *Domestication gone wild: politics and practices of multispecies relations*. Durham: Duke University Press, 2018. p. 1-30.
- TAVARES, L. F. de F. *O Novo Mundo na França: discursos e poderes (c. 1530-c. 1630)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- THEVET, A. *Les singularitez de la France Antarctique autrement nommée Amérique, & de plusieurs terres et isles découvertes de notre temps*. Paris: chez les heritiers de Maurice de La Porte, 1558.
- THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Trad. de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010 [1983].
- ZUANON, Á. C. A. Instinto, etologia e a teoria de Konrad Lorenz. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 13, n. 3, p. 337-349, 2007.

Recebido em outubro de 2021

Aceito em fevereiro de 2022